

COMO JAMAIS LER LITERATURA NA ESCOLA?

Anderson Ribeiro (UERJ/SEE-RJ)

anderson_sribeiro@hotmail.com

O título é uma provocação para desafiar os profissionais que se dedicam à formação de leitores. Gosto do que eu faço e como eu faço, embora me sinta incomodado, interceptado por uma insatisfação que, já entendi, é uma maneira de me alavancar. Meu discurso é um discurso valorativo sobre o que é possível fazer na sala de aula, independente da bandeira partidária que reina sobre nossas cabeças, servindo-nos de guarda. Por isso, encarno a alcunha de professor acima de qualquer senão, com todo orgulho e prazer. Sinto como se representasse aqui o professorado anônimo das escolas públicas, principalmente das escolas noturnas que infelizmente amargam como comunidades esquecidas pelas diversas instâncias.

Para celebrar esses 20 anos de incentivo à leitura com o PROLER, abro a minha sala de aula de onde emergem tantas vidas atentas às urgências diárias. Dessa seara, o que ficará serão minhas impressões: “O que eu vi, sempre, é que toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo”. Como o Senhor das Gerais, “Eu não sei quase nada, mas desconfio de muita coisa”. E foi essa desconfiança que me fez dedicar à pesquisa científica acerca do *prazer da leitura e o seu ensino*. Diante da missão que abracei, pude caminhar por espaços mais longínquos que pudessem fundamentar meus propósitos e práticas. Longe das matas e florestas, foi em terras do além-mar, em nação lusitana, que primeiramente se ouviu a quadra que melhor eternizou o fazer literário...

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

Palavras sábias e inspiradas do poeta português que vieram recair sobre a fala de escritores do mundo inteiro, em especial, um poeta brasileiro das Minas Gerais, de onde saiu uma das maiores expressões da poesia de língua portuguesa. Drummond tinha suas faces, as sete, as setenta vezes sete, como uma grande esfinge a quem até hoje, pela sua imortalidade, devemos seguir o preceito de “decifrar” para não sermos “devorados”. Dessa maneira, na condição de leitor, antes de qualquer outra no-

meação, procurei interagir com minhas leituras, cerquei-me delas, inebriei-me com as facetas da palavra poética e observei o quanto a literatura, independente da condição social que ocupamos, nos ajuda a viver, como bem salientou Todorov. Basta saber ler e imbuir-se da sensibilidade (se isso é possível) para gozarmos do galardão de almas cheias, vivas, fulgurantes, pujantes, almas cheias de graça. A literatura é cheia de graça, o senhor é convosco, bendita sois entre as mulheres, homens, crianças, mendigos, padres, professores, diretores, bibliotecários, coordenadores, alunos. A literatura, enfim, nos poderá livrar do mal que há em nós (ou não!), reservando-nos (isso sim!) para sempre uma realidade de sonhos e magias, preceitos e preconceitos. Para isso...

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?

A chave dependerá da educação que direciona a maneira singular de cada um ver o mundo. Nasci com o pasmo essencial de Caetano:

Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
É o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...

Já como professor leitor, nessa esteira, quis colocar para os meus alunos a leitura da literatura como uma grande novidade ao lado de uma real necessidade. Grande ambição me levou a realizar pesquisas que pudessem dar conta da lacuna formada no meu lócus de trabalho. Era o que eu pretendia fazer através da prática de ensino que provocasse meus alunos e pudesse propiciá-los a modos de crescimento e de inserção social através da leitura. Tal pretensão levou-me a uma das sete faces do *gauche* itabirano:

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Tudo começou por causa da leitura. Quando cheguei ao Colégio Estadual Rodrigo Otávio em janeiro de 2008, tratava-se de ministrar aulas de literatura que à época era independente da língua portuguesa como

se isso fosse viável. Sim, a diretora havia informado meu horário e eu seria professor da matéria. Vi-me enclausurado na incompetência de mim mesmo: “Meu Deus, por que me abandonaste/ se sabias que eu não era Deus/ se sabias/ que eu era fraco.” Como seria enfrentar a questão? Surgira o medo. Como a Chapeuzinho amarelo de Chico Buarque de Holanda: era o medo do medo do medo de me deparar com o lobo, protagonizados, na minha realidade, pelos alunos que eu ainda não conhecia e já os julgava incompetentes, movido muito pelo pensamento fossilizado de que o brasileiro não lê. Chapeuzinho também preconcebera o lobo antes mesmo de saber realmente quem ele era. No fim de tudo, a personagem de Chico Buarque, através do processo de desconstrução, conseguiu transformar seus medos em aliados. Fiz o mesmo. Ao menos tentei e venho tentando, em minha trajetória de caminhada difícil e árida. Nesse processo,

Uma das coisas que aprendi é que se deve viver *apesar de*. *Apesar de*, se deve comer. *Apesar de*, se deve amar. *Apesar de*, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio *apesar de* que nos empurra para frente. Foi o *apesar de* que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida. [Referência a *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*]

Apesar das dificuldades prováveis que imaginei encontrar na Escola pública noturna, resolvi seguir adiante de maneira que o aprendizado na sala de aula fosse mútuo. Naquele momento, passei realmente a existir como professor. Não que eu menosprezasse a minha experiência anterior que viera da universidade. Mas, além intensidade da relação estabelecida com aquele grupo da escola pública, eu acreditava que ali eu aprenderia o meu ofício, na sua inteireza, conforme anunciara, em tempos idos, alguns de meus velhos professores.

O tom inicial começou a textura da leitura no entrelaçamento dos fios de galo da manhã cabralina cujo mecanismo propulsor se ancorava no fazer e na construção do letramento diário da sala de aula. No que me coube na tarefa de professorar, esforcei-me por honrar os propósitos da minha pesquisa, levando-o adiante com a seriedade que requer o cargo e, muitas vezes, com as renúncias que fazemos em nome da ciência e em prol do crescimento do meio em que vivemos. Ensinar a ler tem os seus mistérios que não foram revelados com a experiência vivida no (extinto) Colégio Estadual Rodrigo Otávio, na Ilha do Governador. Ainda assim, foi preciso, ao menos, delinear, de forma bastante clara, os objetivos de ensino, ciente de que a escola poderá ser infelizmente o único lugar onde se falará de literatura. E isso gera empenho. Nesse sentido, rima ou solução, minha pesquisa procurou propor alternativas para o ensino de leitura

na interface com a escrita, de modo a tentar dirimir os problemas dos ensinamentos fundamental e médio e suas consequências na universidade. O trabalho é árduo, mas inteiramente gratificante quando se tem a crença de que podemos promover a mudança. *Ler, escrever e interpretar* são ações que podem partir das aulas de língua portuguesa, já que a disciplina nos moldes das discussões contemporâneas, tem de se responsabilizar por ações que congreguem práticas da vida social. A todo instante, somos convidados a decodificar o mundo com base nos signos verbais e não-verbais. Mais ainda, somos convidados a produzir textos para falar de nós, das nossas necessidades, angústias, medos, emoções variadas. Nesse caso, se o sujeito não está inserido nas práticas de letramento de responsabilidade da escola, principalmente, acarreta-se uma desnecessária exclusão. É em tal sentido que se aumenta o ônus dos profissionais da educação no tocante à promoção da leitura e da escrita, como motivadores da autonomia cidadã e intelectual. Sobre o debate, Mário Vargas Llosa (2010, p. 7) foi categórico considera que...

[...] graças à literatura, as consciências que ela formou, aos desejos que inspirou, ao desencanto com a realidade que trazemos ao voltar da viagem a uma bela fantasia, a civilização agora é menos cruel do que quando os contadores de histórias começaram a humanizar a vida com suas fábulas. Sem os bons livros que lemos seríamos piores do que somos, mais conformistas, menos inquietos e insubmissos, e o espírito crítico, motor do progresso, nem sequer existiria. Tal como escrever, ler é protestar contra as insuficiências da vida. [...] Inventamos as ficções para poder viver de alguma maneira as muitas vidas que gostaríamos de ter quando só dispomos de uma.

Adotei uma política de ensino pautada na perspectiva interacionista da linguagem representada por Bakhtin (2003; 2004), já presente nos diversos manuais de ensino. Para a fundamentação teórica, busquei outros autores que tratassem da “indisciplinaridade” (MOITA LOPES, 2006), cuja perspectiva se abre para o campo do diálogo entre áreas e do desejo incessante de promover cientificidade aos estudos da linguagem. Dessa maneira, como a leitura se constitui uma grande área de investigação dentro da qual está a movimentação “nômada” defendida por setores da linguística aplicada contemporânea, procurei relacionar vozes afins que arcassem com a ausência do hábito da leitura, e consequentemente da escrita na escola. Servi-me também do olhar linguístico-gramatical, de modo a considerar o texto na sua fisiologia, procurando atender o meu olhar de professor de língua portuguesa presente nas minhas aulas de leitura/literatura. A fim de alcançar o objetivo, foi constituído um *corpus* escrito que documenta a percepção do aluno frente à proposta motivada sempre por um texto literário, além dos dados gerados a partir da aplica-

ção de questionário composto de perguntas objetivas, com variáveis fixas, e perguntas discursivas em que se foi possível opinar acerca do ponto indicado. Ambos os instrumentos foram corroborados por observações pessoais coadunadas com a pesquisa de natureza etnográfica.

Da pesquisa foi possível depreender:

- A escrita assumiu um papel fundamental. Comportou-se não só como uma maneira de intervir sobre o mundo, mas também como forma de registrar a compreensão frente às propostas sugeridas em sala de aula;
- A perspectiva dos gêneros discursivos ampliou o conceito de leitura, na medida em que localizou, ao mesmo tempo, os textos dentro de uma ordem formal, temática e estilística. Tal direcionamento nos permite, inclusive, tanto do ponto de vista de quem lê, quanto de quem escreve, analisar e justificar as escolhas automaticamente relacionadas com o contexto sociocomunicativo de onde emerge;
- No desenvolvimento das atividades em si, destaco o anacronismo adotado na apresentação dos autores, bem como a preocupação de me ater com exclusividade aos textos, sobrepondo-me à direção que privilegia a historiografia literária. Com isso, procurei atender às preferências de acordo com o perfil delineado de cada turma. É certo que houve textos/ autores que não despertaram a curiosidade/ prazer nos alunos como foi com José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura. Nesse caso, respeitei o direito do leitor, apesar das honrarias e da qualidade que observo, ao lado de toda crítica, na narrativa do escritor português;
- Partindo da etnografia antropológica de caráter intervencionista no registro e desenvolvimento das atividades de campo, tentei, como orienta a própria metodologia, tratar os dados capturados de forma holística, considerando um sistema de significados mediadores entre a ação humana e as estruturas sociais. Para atender a isso, procurei descrever o que esteve sob o contexto de investigação, atribuindo sentido a cada signo apontado dentro da cena discursiva organizada, posteriormente, como uma teia dentro de uma escala social mais ampla. Com a análise cuidada, torna-se possível, ainda que indiretamente, fazer uma relação com outras realidades no âmbito educacional, e observar, a eficiência das práticas e políticas de leituras, a partir do que será

possível, num movimento contínuo transformar a realidade cultural do nosso país em relação ao tema, ainda em segundo plano dentro das políticas públicas de educação;

- Apesar do desconhecimento das normas ortográficas, muitos alunos, por outro lado, no que diz respeito à competência leitora, conseguiram se apropriar bem tanto das leituras dos textos que motivaram as atividades, quanto da apropriação em si das propostas feitas em sala, conforme se pode verificar nos textos reunidos no anexo deste trabalho. Cumpre informar, ainda, que na confecção dos textos, foi possível averiguar a habilidade dos alunos quanto ao emprego de formas gramaticais bastante significativas para a elaboração de determinados gêneros discursivos;
- Acerca do hábito da leitura, temática tão perseguida por professores de vários níveis de ensino, ficou evidente, pela análise dos gráficos que, na verdade, as escolas e, por conseguinte, seus professores, tem de, ainda que minimamente, no trabalho da sala de aula, apresentar as oportunidades aos alunos que, por vezes, só tem da escola a ganhar, o que aumenta a responsabilidade social dos docentes brasileiros.
- Com a pesquisa, foi possível, de alguma maneira, ir de encontro ao senso comum que alimenta, como uma espécie de dogma fossilizado, a informação de que *o brasileiro não lê*. Talvez não leia os clássicos desejados. Todavia, dentro de uma concepção semiótica de leitura, o brasileiro, como indicaram os dados, lê o jornal, a revista, os quadrinhos, os diversos textos que circulam na internet, receitas de bolo, horóscopos, santinhos, a conta de telefone, a carta pessoal, a bíblia etc. Por fim, o brasileiro lê o mundo através do código verbal ou não verbal, o que não nos isenta de estarmos diariamente atuantes nos programas de leitura do país.

Rima ou solução, o que desejo, neste momento, é oferecer à comunidade acadêmica subsídios que incitem no mesmo incômodo que mobilizou Severino, o retirante cabralino, da seca em que me encontrava. Espero, com isso, que professores de todos os níveis se sintam motivados com mais uma voz que a eles se coaduna em nome do crescimento político e cultural das escolas brasileiras.

E me cerro, aqui, mire e veja. Isto não é o de um relatar passagens de sua vida, em toda admiração. Conto o que fui e vi, no levantar do dia. Auroras.

Cerro. O senhor vê. Contei tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro. [...] O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo[,] se for... Existe é homem humano. Travessia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

CAEIRO, Alberto. *O meu olhar é nítido como um girassol*. Disponível em: <<http://www.insite.com.br/art/pessoa/ficcoes/acaeiro/207.php>>.

DRUMMOND, Carlos Drummond de. *Poema de sete faces*. Disponível em: <<http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond01.htm>>.

_____. *Procura da poesia*. Disponível em: <<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/procura.htm>>.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LLOSA, Mario Vargas. *Elogio de la lectura y la ficción*. Disponível em: <http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/2010/vargas_llosa-lecture_sp.pdf>.

MOITA LOPES, Luís Paulo da (Org.). *Por uma linguística indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

PESSOA, Fernando. *Autopsicografia*. Disponível em: <http://www.releituras.com/fpessoa_psicografia.asp>.

RIBEIRO, Anderson da Silva. *Textura da leitura: seria uma rima ou uma solução? – perspectivas em linguística aplicada*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada: interação e discurso) – Faculdade de Letras/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.